

08 jul. a 04 ago.

inauguração

3.ª feira às 18h



2.ª a 6.ª feira 10h às 19h

sábado 10h às 14h

sala de exposições

entrada livre

EXPOSIÇÃO

idas e vindas

Ricardo Rangel

fotografias de Ricardo Rangel apresentadas pela escola superior de artes da Ilha da Reunião no âmbito do seu programa de pesquisa 'artes, paisagens e insularidades'

idas e vindas

No âmbito do colóquio 'formas e memórias de Moçambique e da Reunião: histórias cruzadas e paralelas,' promovido pelo laboratório 'apilab — artes, paisagens e insularidades,' — da Escola Superior de Artes da Reunião, quatro estudantes do 5.º ano, acompanhados pelas suas professoras, realizaram uma viagem de estudo a Maputo, no final de Novembro, para conhecer de perto o vasto trabalho do fotógrafo Ricardo Rangel, actualmente preservado no Centro de Documentação e Formação Fotográfica de Moçambique, instituição que o próprio fundou.

Com um acervo que reúne cerca de duzentas mil imagens — mais de noventa mil da autoria do próprio Ricardo Rangel, os olhares destes jovens incidiram sobre um conjunto de duas mil fotografias digitalizadas. Das mesmas, apresentamos aqui uma primeira selecção de 49 imagens, escolhidas especialmente para esta exposição que celebra o centenário do nascimento do fotógrafo.

As leituras e escolhas iconográficas foram tecidas em diálogo com os temas e problemáticas explorados nas pesquisas plásticas de cada estudante, bem como no contexto dos 'arc — ateliês de pesquisa e criação,' intitulados 'santuários,' dedicados às estéticas do diverso, do popular e do sagrado, e 'as poderosas,' centrados nas questões das resistências plásticas, estéticas e poéticas.

textos de intenção, 4 olhares entrelaçados, 4 narrativas contadas

(Léana Gaspal, Quentin Raadja Rato, Célia Ringuin-Velleyen e Emmeline Galisse) e dois outros pontos de vista (Leïla Quillacq e Colette Pounia)

Léana Gaspal

Fotografias seleccionadas: 5, 13, 18, 19, 22, 25, 26, 33, 44, 45

Para aqueles a quem torceram a língua materna, para aqueles a quem roubaram as palavras, para aqueles a quem falta a história.

A alguns milhares de quilómetros de oceanos, lá longe, fez-se o caminho inverso do exílio — numa tentativa de reencontrar, num olhar, numa viela, por detrás de um desfoque, à volta de um corpo, contra um carro, sob a chapa das casas, as vozes que foram silenciadas.

O olhar atrai-se pelo que faz família, pela forma como o íntimo se revela nos gestos simples, pelo amor e pela fé.

Na encruzilhada desses caminhos, partilhamos um fogo comum — aquele que arde na medida certa para nos fazer seguir em frente, aquele que nos lembra que estamos vivos e que passamos aos nossos sangues.

Quentin Raadja Rato

Fotografias seleccionadas: 4, 12, 14, 24, 28, 31, 37, 38, 43, 47

Penso sempre em envolver, em como criar um contexto, uma história. Por isso, escolhi fotografias que me permitissem isso. Paisagens que falam tanto quanto os olhares. Estruturas mal emergentes, prestes a desmoronar. *Kaz* que nós, da Reunião, associamos ao passado, mas que aqui se enraízam no concreto do presente. De qual presente falamos? Não o 'presente' como dádiva, mas o tempo — o tempo dos moçambicanos, ou pelo menos aquele que atravessa Maputo.

Vi pouco, e a memória fragmentada obriga-nos a agarrar o que reflecta suficientemente as nossas projecções. Ligar pontos, por vezes muito distantes. Separados pelo tempo, pelo espaço, pela morte, pela vida. De qualquer forma, como nos disse o Félix, não precisamos saber tudo. A dedução, para mim, é também uma forma de plasticidade — nos reflexos de projecção. Quando sobreponho um símbolo a outro, uma manchete de jornal a um corpo, o carácter de alguém próximo a um rosto que se lhe assemelha.

Quis montar um cenário, menos artificial do que as nossas representações, verdadeiro pela autenticidade do registo — o registo de outro, o de Rangel. As fotografias que escolhi, acredito, permitem reconstituir a necessidade do arquivo. Ver como se avança — ou como se recua — ao sabor das realidades justapostas. Um relato corrigido pela incontestável realidade da paisagem.

Ancorar-se no panorama quando se é varrido pelos olhares das fotografias ao lado, ou sentir o esmagamento urbano — de edifícios e construções formadas pela soma de esforços orgânicos. Da chapa ao betão, com uma semelhança essencial: a função de testemunho. Testemunhas do tempo, do espaço, das resistências, das lutas, das mudanças, dos abandonos corajosos e das retomadas extenuantes.

Célia Ringuin-Velleyen

Fotografias seleccionadas: 3, 6, 8, 11, 15, 21, 40, 42, 48, 49

Era uma história de olhar, de postura, algo próximo do estrondo silencioso, inevitavelmente íntimo. Era uma história de um retrato único dentro de outra história — a da multidão, da comunidade para os mais afortunados, do ajuntamento para os outros. Um não sei quê apontava para mim, talvez um brilho ou um vazio, um instante decisivo, com certeza. Centenas de pequenas ausências ou consciências que se semeiam no que chamamos quotidiano. É a fotografia furtiva daqueles que abandonam a cena, o cenário — os que desertaram, por um instante, o corpo ou o cortejo, a dança. Os que vagueiam e cuja solidão é acolhida por um estranho objecto que chamamos 'negativo', como se a fotografia tivesse de ser interdita antes de se poder revelar.

'A vida é assim feita, a golpes de pequenas solidões' — Roland Barthes.

Emmeline Galisse

Fotografias seleccionadas: 7, 16, 20, 23, 27, 30, 32, 34, 41, 46

O sol põe-se sobre a costa Este. Os letreiros néon da cidade acendem-se enquanto os seus corações se obscurecem. Dançaram até à exaustão, numa tentativa de escapar ao quotidiano monótono.

Momentos de vida, um olhar, uma esperança — e a noite revela-se na sua dualidade. Um espaço de libertação e tensão, de festa e de luta silenciosa. Algumas imagens mergulham-nos neste universo nocturno onde se cruzam passos dançados, gargalhadas soltas e as hierarquias implícitas do poder colonial. Falam de corpos em movimento, de encontros furtivos, de violências contidas e resistências disfarçadas. Contam uma história que ecoa até à nossa ilha. Instantes suspensos em que a vida irrompe sob formas inesperadas — o movimento como forma de resistência, e a noite como refúgio de verdades que o dia não consegue conter.

Leïla Quillacq

Fotografias seleccionadas: 1, 2

Sobre a imagem sensível, o vazio e a evanescência, o aparecer-desaparecer e o que renasce.
Sobre a plasticidade das imagens que acolhem a solidão, a dúvida, a ausência e a resistência.
Sobre os restos do que fica, como uma memória frágil e persistente.
Algo aqui se jogou, dispersando vãs ilusões como vestígios de esperanças.
Um afastamento do real aponta, como após uma explosão.
Um ruído surdo... um silêncio e migalhas... uma miragem.
Como uma tentativa de salvar os vestígios do nada,
Para recordar a queda, o que chega do nada,
E o que se perdeu.

Sobre o que foi tomado e no que se pode acreditar.
O que danifica, se danifica, se esquece mas não morre.
Como uma melancolia... uma saudade...
Uma luta que convoca a força vulnerável,
A de um último fôlego para ressurgir.

Sobre forças invertidas, revoltas silenciosas, trajetórias insolúveis, desviadas e desviantes.
Sobre algo da ordem da desconfiança, lanternas, farrapos, choque e resiliência.
Sobre o que reina depois do inferno, o da invasão.
Sobre espaços esqueléticos, relatos roubados e corpos invadidos,
Obsoletos e majestosos, que permanecem invencíveis.

Colette Pounia

Fotografias seleccionadas: 9, 10

Tete, 1967 – A comunhão das idades, uma anciã sentada junto ao pilão, o seu dote de casamento (xiguiana) | colecção do CDIP [n.º RR01_01_F_04]

Uma mulher idosa está sentada com elegância, ancorada à sua vida de trabalho, encarnada naquele velho pilão gasto, cujos contornos, por baixo, parecem olhar para nós.

Foi feito a partir de uma árvore à qual o lenhador pediu perdão antes de a cortar. O pilão seria, segundo se diz, a origem do djembé — de onde brota o ritmo do gesto de pilar, de dançar. Pilar é dançar, na língua crioula da Reunião. Se um é ferramenta de trabalho atribuída às mulheres, servindo o imperativo vital de alimentar, o outro — domínio dos homens — garante a coesão social e o elo intergeracional.

Do pilão-djembé nasce a voz. O ancião ou a anciã é quem detém a sabedoria nos países de África. O oráculo é consultado e transmite o tempo vivido, as múltiplas vidas e os saberes acumulados.

Na imagem, ela surge imensa — fotografada num campo de luz — maior do que a sua própria casa de barro e palha, e maior que a cerca que lhe serve de fundo. Fala-te, a ti, que estás no fora de campo do tempo por vir. Conta a história da sua memória acumulada nas pregas da pele enrugada, tal como nas estrias circulares no fundo do seu djembé. 'Este pilão, é ela! Foi o seu dote, trazido alguns dias depois do casamento pela família do marido, para a nova casa. Ele e ela têm exactamente a mesma idade!'

É Basilio M. quem nos transmite este conto real — o mesmo que a anciã parecia estar a narrar no momento da fotografia.

Talvez o olhar de Ricardo Rangel tenha querido mostrar-nos o xiguiana, o acto ritualizado de fundar uma família, escondido nos detalhes desta imagem.

Lourenço Marques, 1962 – drama da água | colecção do CDIP [n.º RR01_04_G_04]

Ela caminha por um trilho de terra batida, onde já se adivinham os primeiros sinais de uma territorialização de uma natureza ainda bravia. As marcas visíveis no chão fazem pensar na passagem de carros — mas, mais realisticamente, são os rastros deixados pelos muitos tonéis que por ali rolam: vazios à ida, puxados por mulheres; cheios de água ao regresso, arrastados por homens.

Ela — uma mulher vista de costas, porque esse dorso diz mais do que um rosto — leva um filho às costas, puxa um tonel com a mão direita, segura um cesto com a esquerda. Caminha por esse trilho de luz, porque vai buscar água, ainda lá longe, talvez. Parece tudo lento. Mas essa lentidão é, aqui, uma economia do seu tempo.

É o tempo em que os habitantes das aldeias percorrem, sem medir, um longo dia de solidão. O olhar do fotógrafo ilumina esse instante do quotidiano, captando o percurso dessa cena banal e, ao mesmo tempo, tão densa. Ela parece pequena e forte, inserida na natureza 'ensombrada,' feita de um emaranhado de tons de cinzento. Vai buscar água a um poço — natural ou adaptado. Onde? A fotografia não nos diz. Mas sugere. Fica ali, depois da curva à esquerda.

Ricardo Rangel gostava de fotografar esses barris e as actividades que os rodeavam, para dar testemunho dos dramas da água.

– Para Basilio Muchate, fotógrafo e professor no Centro de Documentação e Formação Fotográfica de Maputo, o barril visto nesta fotografia está, com certeza, vazio. A mulher já carrega tanto: o filho às costas, o cesto, e não teria como suportar ainda o peso de um tonel cheio. Os tonéis de vinho de duzentos litros, vindos de Portugal, depois de esvaziados, são comprados — na maioria das vezes, por mulheres. São transformados em 'rodas' por meio de um engenhoso sistema: acrescenta-se-lhes uma alça comprida, que permite puxá-los.

– Aqui, é o vinho que precisa transformar-se em água.

– 'Um longo dia de solidão' é o título de outra fotografia semelhante. Talvez seja o nome de uma série.

legendas das obras

1. coqueiro

[?, 196?]

2. paraquedismo

[?, 196?]

3. vista parcial da cidade

[Lourenço Marques, 196?]

4. construção de edifício

[?, 196?]

5. trabalhos de construção de estrada

[Lourenço Marques, 196?]

6. rua Araújo

[Lourenço Marques, 196?]

7. rua Araújo

[Lourenço Marques, 196?]

8. pão nosso de cada noite, mulheres no snack bar

[Lourenço Marques, 196?]

9. comunhão das idades, anciã sentada ao lado do pilão, seu dote de casamento (xiguiana)

[Tete, 1967]

10. drama de água

[Lourenço Marques, 1962]

11. fogo na cidade de caniço

[?, 1970]

12. venda de artesanato

[Lourenço Marques, 196?]

13. noite de Junho na Mafalala, crianças na lareira

[Lourenço Marques, 1960]

14. habitação rural

[?, 196?]

15. espantalho na cidade, menino de rua

[Maputo, 1983]

16. engraxador

[?, 196?]

17. gente no interior do bar na rua Araújo

[Lourenço Marques, 196?]

18. manifestação

[Lourenço Marques, 197?]

19. entertainer

[Matola, 1978]

20. hora da refeição

[Maputo, 198?]

21. mulher caminhando

[?, 196?]

22. comércio formal

[?, 196?]

23. vista parcial da marginal

[Inhambane, 1976]

24. diferença entre a cidade de zinco e a de cimento

[Catembe, 196?]

25. meninos de rua dormindo durante a madrugada

[Lourenço Marques, 1961]

26. mulher

[?, 196?]

27. rua Araújo

[Lourenço Marques, 1976]

28. habitação suburbana

[?, 196?]

29. rede de pesca

[Lourenço Marques, 196?]

30. mulheres

[?, 196?]

31. prioridade de passagem

[Lourenço Marques, 1952]

32. rua Araújo

[Lourenço Marques, ?]

33. subúrbio

[Lourenço Marques, ?]

34. rua Araújo

[Lourenço Marques, ?]

35. rua Araújo

[Lourenço Marques, ?]

36. idosa

[Tete, 1967]

37. habitação suburbana

[?, 196?]

38. cemitério

[?, 196?]

39. mulheres a caminhar

[?, 196?]

40. rua Araújo

[Lourenço Marques, ?]

41. espectáculo de variedades

[Lourenço Marques, 196?]

42. Sem legenda

[?, ?]

43. escola da Nazaré

[?, 196?]

44. rua Araújo

[Lourenço Marques, ?]

45. homem tocando guitarra em frente à instância turística

[?, 196?]

46. rua Araújo

[Lourenço Marques, 197?]

47. 'Sentimos fome, fome' - reivindicação dos trabalhadores no fim da era colonial

[Lourenço Marques, 1974]

48. rua Araújo

[Lourenço Marques, ?]

49. pão nosso de cada noite

[Lourenço Marques, 196?]



Ricardo Rangel (biografia)

Nasceu em 1924, em Maputo (antiga Lourenço Marques), Moçambique. Faleceu em 2009, em Maputo.

Ricardo Rangel foi fotógrafo. O seu trabalho orientou-se para a denúncia da colonização, o que lhe valeu várias detenções. As suas fotografias contam a história de Moçambique através dos gestos e das actividades quotidianas da população. Centradas no ser humano, as suas imagens são documentais, comprometidas e críticas. Em torno de Ricardo Rangel formou-se uma escola moçambicana do 'real'!

Mestiço de origem grega, chinesa e africana, foi, em 1952, o primeiro não branco a trabalhar como fotógrafo no jornal moçambicano Notícias da Tarde.

Considerado um dos pais da fotografia africana, Ricardo Rangel contribuiu também para o desenvolvimento, profissionalização e promoção da fotografia em Moçambique, ao fundar, no início dos anos 1980, a Associação Moçambicana de Fotografia, e posteriormente o Centro de Documentação e Formação Fotográfica.

Está representado pela afronova gallery (Joanesburgo).

agradecimentos

Ao Centro de Documentação e Formação Fotográfica, pelo acolhimento durante a viagem de estudos e pelo empréstimo das obras.

À Embaixada de França em Moçambique e em Eswatini, à Região da Reunião e ao Território do Oeste pelo acompanhamento na realização do colóquio 'formas e memórias em Moçambique e na Reunião: histórias cruzadas e paralelas'!

produção

ccfm

CDFF - Centro de Documentação
e Formação Fotográfica

Escola Superior de Artes da Reunião

montagem

ccfm

impressão

CDFF - Centro de Documentação
e Formação Fotográfica

design e comunicação

matéria-prima

